

26 SET 1990

FÉLIX DE ATHAYDE

Há um ponto no espaço em que as paralelas se encontram. É uma tese. E sua (uma) demonstração é esta: as paralelas Fernando e Félix nos encontramos no espaço dos economistas — um espaço atulhado de gente vazia, petulante, PhD. Esses economistas "são todos incompetentes. Todos. Todos". Inclusive todas.

Economistas — é aquela tal história —, os que ainda não provaram que são incompetentes é porque têm pouco tempo de poder. E só dar corda e aguardar os índices dos próximos capítulos. Afinal, as belas ruínas de Roma não foram produzidas num só dia.

E não se enfeze e me despreze o leitor porque concordo com Collor. Não fui cooptado (não tenho pedigree de intelectual). Embora a época seja de entendimentos, este é um pacto contra. Economista é o máximo denominador comum entre nós.

Ademais, carrego comigo esta opinião: estou pactuando, mas não transigindo. É de saber que fui eu, aqui neste jornal (25/7/90), que estranhei o alarido álacre de ex-ministros da Fazenda contra toda e qualquer política econômico-financeira praticada depois deles.

Collor concordou comigo: "Todos eles participaram do poder e do governo, todos eles tive-



ram ao seu dispor mecanismos institucionais da legislação autoritária poderosíssimos e nenhum deles consertou a situação no Brasil. Ao contrário, agravaram a situação".

Até aí vamos, a partir daí nos separamos.

Porque a medida provisória também é um mecanismo institucional poderosíssimo, como a ministra Zélia reconheceu na entrevista ao programa *Roda Viva*, na TV *Cultura*, dia 17. E o governo usa e abusa da medida provisória, com o frenesi do autoritarismo.

Esses economistas "são incom-

Economista que não provou incompetência é porque tem pouco tempo de poder

petentes. Todos". Todas. Ainda que tenham ao seu dispor mecanismos institucionais poderosíssimos, "têm devolver a aprender aritmética". Principalmente os do Banco Central, que erraram opulentamente nas contas das dívidas mobiliárias dos Estados e desencadearam ofensiva contra os bancos estaduais.

A diretoria de Política Monetária do Banco Central (composta de economistas) atribuiu ao Estado de Minas Gerais uma dívida mobiliária (em BTMG) 45,400% maior do que a real, e um crescimento de 140% na dívida dos Estados e municípios nos últimos quatro meses — período em que a inflação foi de 45%.

ESTADO DE SÃO PAULO

Chama-se economia a isso, em Brasília.

Com esses economistas, o governo perde todas as suas superioridades e a credibilidade.

Vida que segue e impunidade também. Ninguém foi demitido por erro tão aspero. Eu, que não sou economista, sei, cabal e legalmente (Lei 4.595/64), que ao Conselho Monetário Nacional cabe "zelar pela liquidez e solvência das instituições financeiras". Eu sei, mas os economistas de Brasília, perdidos no êxtase do poder, voaram. Voaram e deixaram cair sua incompetência como uma árvore, estrondosa, sobre Estados e municípios. E causaram problemas sérios ao mercado financeiro como um todo e aos títulos públicos em particular.

Impunidade, teu bunker é Brasília.

Desculpa, leitor, entendo tanto de finanças como um jovem economista movido pelo combustível do ideal. Fui afoito em falar do assunto, talvez tenha me perdido na névoa dos números. Façamos um pacto: eu não disse nada, tu não ouviste nada. E advirto-te de que o título deste artigo não é simbólico, nada tem que ver com as insinuações malévolas dos simbolismos sibilinos. É machadiano.

E fixa os limites da minha concordância com Collor: quando a gente está num baile, "não é preciso ter as mesmas idéias para dançar a mesma quadrilha".

Dancei.

PS. — Que te aproveitem, leitor, as coisas que escrevi, leste e entendeste.

Félix de Athayde é jornalista